

## Atos de análise e atos de mudança na criouliização<sup>1</sup>

Jürgen Lang

Universidade de Erlangen-Nürnberg, Alemanha

Este artigo ocupa-se de um problema teórico. O autor pretende demonstrar que a criouliização não pode ser reduzida a uma série de mudanças linguísticas na chamada língua-base. Define a criouliização como aquisição de língua segunda incompleta acompanhada por um processo de integração das interlínguas dos aprendentes. Para atingir este objetivo, o autor ignora as circunstâncias que frequentemente acompanham os processos de criouliização sem que seja necessário justificar o uso do termo (1. Introdução). Na secção 2., recorre-se a um exemplo caboverdiano para recordar alguns fatores que são geralmente aceites como essenciais em processos de mudança linguística. Na secção 3., com base num cenário ficcional e idealizado dos primeiros anos da criouliização do português por falantes de wolof na ilha caboverdiana de Santiago, demonstra-se que tais falantes de wolof seriam incapazes de alterar os fonemas, sílabas, morfemas, palavras e construções do português porque, inicialmente, teriam acesso apenas a sequências sonoras não segmentadas provindas do discurso dos dominadores portugueses. Consequentemente, os criouliizadores não começam com atos de mudança linguística, mas antes com atos de análise de trechos fónicos com base no que eles próprios poderiam ter produzido na sua própria língua. Do ponto de vista da língua-alvo, estas análises podem ter maior ou menor sucesso. Utilizando exemplos reais do crioulo de Santiago, documentam-se análises mal-sucedidas. Contudo, assim que os criouliizadores têm ao seu dispor unidades hipotéticas da língua-alvo por via da sua análise, podem aproximá-las de elementos da língua-alvo. Na secção 4., explica-se que, ao fazerem-no, eles levam efetivamente a cabo atos de mudança linguística, não na língua-alvo, mas no crioulo emergente. Com base em 3. e 4., a Conclusão (5.) rejeita equiparar criouliização com mudança linguística e demonstra como as largamente negligenciadas dinâmicas dos processos de criouliização podem agora ser modeladas como substituições incrementais de atos de análise por tais atos de mudança linguística específicos da criouliização.

---

<sup>1</sup> Um grande obrigado a todos — incluídos dois avaliadores anónimos — que contribuíram com os seus valiosos comentários para melhorar o meu texto. A Mónica Vieira-Auer e Jussara Paranhos Zitterbart agradeço a sua ajuda na expressão portuguesa.

**Palavras chave:** aquisição de língua segunda, criouliização, análise de trechos fónicos, mudança linguística, crioulo cabo-verdiano de Santiago.

## 1. Introdução

Uma língua crioula, para mim, é simplesmente uma língua que nasceu por criouliização. Tal génese só se comprova comparando a língua crioula em questão com a língua que foi criouliizada. Há criouliização quando processos de aprendizagem não dirigida<sup>2</sup> de uma língua estrangeira são acompanhados por processos de integração das interlínguas dos aprendentes numa nova língua comum.<sup>3</sup>

Para facilitar a compreensão do que se segue, parece indicado assumir explicitamente estas convicções, partilhadas por outros. O espaço disponível não permite justificá-las novamente. Doravante chamarei de 'crioulizadores' os aprendentes que participam num tal processo de integração das suas interlínguas.

O objetivo desta contribuição é teórico, mas ela pretende ser ilustrativa: quero contradizer as tentativas, amplamente difundidas, de equiparar a criouliização de uma língua a (uma série de) mudanças linguísticas nela.<sup>4</sup>

Sinto que a incapacidade de distinguir entre criouliização e mudança se deve a uma falta de coragem dos crioulistas atuais para enfrentar, seguindo o exemplo de Hugo Schuchardt, a situação inicial da criouliização.<sup>5</sup> O foco deste artigo recai, portanto, sobre esta fase da criouliização, abordada no ponto 3.

---

<sup>2</sup> Quer dizer, de aprendizagem sem manual nem professor. Temos de admitir que, até nas plantações, os colonos ajudavam de alguma forma os escravos na aprendizagem. Pode falar-se de 'aprendizagem não dirigida de uma língua-alvo' sempre que, e enquanto, pessoas tentarem, consciente ou inconscientemente, mas por iniciativa própria, retirar algo da comunicação com os falantes duma 'língua-alvo' para futuras interações.

<sup>3</sup> "Interlanguage processes happen at the level of the individual, but creole formation happens at the level of the speech community and at the level of the individual." (Plag 2008.1: 115)

<sup>4</sup> Cf., entre muitos outros, Mufwene (2001: 143), Winford (2003: 209), Stehl (2005: 91), Mather (2005: 56, 2006: 402), Aboh/DeGraff (2015: 38, 60, 68). Thomason/Kaufman já tinham contestado tais opiniões em 1988/1991 (pp. 165/166): "... we do not believe that an abrupt creole can reasonably be viewed as a changed later form of its / vocabulary-base language; there is, in fact, no language that has changed, ...".

<sup>5</sup> Uma notável exceção ilustra bem a imprecisão das ideias que circulam a este respeito: "afin d'initier une transaction, deux adultes appartenant à des cultures différentes tentent de prononcer un mot dans leur langue respective, puis un autre dans ce qu'ils imaginent être la langue de l'autre, avant d'utiliser ce qu'ils pensent être un troisième idiome mutuellement compréhensible. Finalement, après que toutes ces stratégies ont échoué, un nouveau mot est

Em 1914, Schuchardt escreveu o seguinte:

"Tanto para o senhor como para o escravo, a única coisa que importava era fazerem-se entender um ao outro; o primeiro retirava da língua europeia tudo o que havia nela de particular, o segundo a mantinha livre de tudo o que fosse particular: encontravam-se numa linha intermédia. O senhor reconheceu, por exemplo, desde o início, que a designação europeia do plural, o -s de *stone-s* ou *piedra-s*, e mesmo o *de* (átono) de *des pierres*, era suscetível de ser totalmente incompreendida. Por isso, cortou o problema pela raiz e disse: <pedra pedra> ou <quantidade pedra> ou <pedra muito> ... O escravo deitou a mão aos mesmos meios de informação."<sup>6</sup> (cf. Spitzer (1922: 135) e Lang (1982: 52); tradução minha).

Schuchardt ilustrou assim de uma forma admirável o papel do chamado *foreigner talk* (cf. Ferguson 1971) na criouliização. No entanto, deixou-nos sem saber qual a 'mão' com que o escravo pega nestes meios de informação. Vou tentar colmatar esta lacuna.

Seria desejável fazê-lo com base num caso histórico de criouliização que não envolva nenhum dos processos que lhe estão frequentemente associados, processos estes que, no entanto, não são indispensáveis para que se possa falar em criouliização. Não é, por exemplo, necessário, para que, na minha opinião, se possa e se deva falar em criouliização, nem que, devido à chegada continuada de novos crioulizadores, haja 'criouliização continuada' (cf. Lang 2009: 1.3.5.3),<sup>7</sup> nem que os crioulizadores tragam diferentes línguas ancestrais.<sup>8</sup>

---

inventé suivant un accord mutuel" (Cohen, Robin; Sheringham, Olivia; Trogrlic, Elise 2020: 24).

<sup>6</sup> "Dem Herrn wie dem Sklaven kam es einzig und allein darauf an sich dem anderen verständlich zu machen; jener streifte von der europäischen Sprache alles Besondere ab, dieser hielt alles Besondere von ihr zurück: man traf sich auf einer mittleren Linie. Der Herr erkannte z.B. von allem Anfang an dass die europäische Bezeichnung der Mehrzahl, das -s von *stone-s* oder *piedra-s*, ja selbst das (tonlose) *de* von *des pierres* auf völlige Verständnislosigkeit stossen musste, und so packte er die Sache an der Wurzel an, er sagte: <Stein Stein> oder <Menge Stein> oder <Stein viel> ... Der Sklave griff auf eigene Faust zu denselben Auskunf[t]s-mitteln ...".

<sup>7</sup> São numerosos os crioulistas que equiparam a criouliização à criouliização continuada sem disso se aperceberem. Patrick-André Mather é dos que o fazem de forma explícita: "According to this hypothesis [i.e. Mather's], creolization is essentially a process of L2 acquisition with little or no corrective feedback, over several generations of L2 speakers of French (or other European languages) (Mather 2007: 423, negrito meu). Embora não possa aceitar esta equação, concordo com Mather sobre os resultados de uma criouliização continuada: regra geral, produz versões cada vez mais afastadas da língua-alvo inicial, porque os crioulizadores que chegam mais tarde já não crioulizam (apenas) esta, mas (cada vez mais) versões já crioulizadas dela.

<sup>8</sup> Ao contrário do que escrevi em Lang (1981: 7), admito hoje a existência de 'two-language creoles' (cf. Thomason 2001: 182/183 y 188) que devem a sua existência ao encontro de apenas dois grupos humanos falando cada um a sua língua.

No caso do famoso pitcairnês, houve apenas duas línguas em contacto e não houve criouliização continuada.<sup>9</sup> No entanto, faltam-me informações detalhadas sobre o taitiano falado pelos polinésios levados, em 1790, pelos motins de *Her Majesty's Bounty* a Pitcairn. Escolherei, pois, mais uma vez, o caso da criouliização do português na ilha caboverdiana de Santiago porque tenho, pelo menos, alguns conhecimentos passivos do wolof, que foi a língua ancestral, ou pelo menos uma segunda língua da maioria dos primeiros africanos transportados para esta ilha.<sup>10</sup> Isto apesar de que, em Santiago, tenha havido criouliização continuada até ao século XVII, sendo igualmente provável que tenha havido, desde o início, alguns crioulizadores sem conhecimentos de wolof.<sup>11</sup>

Há mais algumas circunstâncias que normalmente acompanham processos de criouliização sem que seja impossível imaginar casos de criouliização na sua ausência: isso vale, obviamente, para a existência de uma eventual relação de senhor a escravo entre os falantes da língua-alvo e os crioulizadores; mas talvez valha também para o uso mais ou menos sistemático de um *foreigner talk* por parte dos falantes da chamada língua de base para 'facilitar' a compreensão aos crioulizadores (e para a possibilidade de os crioulizadores contarem com essa possibilidade).

Seja como for, no exemplo fictício que apresentarei mais adiante para ilustrar a situação inicial dos crioulizadores em Santiago, não tenho em conta tais circunstâncias concomitantes. Assim, espero concentrar a atenção dos meus leitores naquilo que, penso, é ignorado por alguns e por outros não levado com a devida seriedade entre aqueles que não distinguem entre criouliização e mudança linguística.

Uma tentativa de traçar em detalhe a complexificação gradual dos sistemas linguísticos dos crioulizadores, cujos estágios iniciais são referidos na

---

<sup>9</sup> É sabido que as crueldades do comandante William Bligh levaram, no mês de abril de 1789, os tripulantes da *Bounty*, encabeçados pelo lugar-tenente Fletcher Christian, a se amotinar, abandonando o seu comandante e os seus fiéis em alto-mar. Os amotinados navegaram na *Bounty* até chegarem a ilha de Tubuai, que, hoje em dia, faz parte da Polinésia Francesa. Ali embarcaram 12 pessoas polinésias do sexo feminino e seis do sexo masculino, tendo alcançado no mês de janeiro de 1790 a ilha desabitada de Pitcairn. Foi aí que se estabeleceram. Os homens passaram rapidamente a matarem-se uns aos outros, de maneira que em 1814, restava apenas um, de nome John Adams. Em 1925 a população de Pitcairn já constava de 66 indivíduos (cf. Holm 1989: 10.8.5 e [https://en.wikipedia.org/wiki/Pitcairn\\_Islands](https://en.wikipedia.org/wiki/Pitcairn_Islands)).

<sup>10</sup> Cf. Lang (2006; 2009: 213).

<sup>11</sup> É pouco claro até que ponto estes dois factos influenciaram o desenvolvimento do crioulo de Santiago. Sobretudo porque não sabemos que percentagem dos africanos trazidos para Santiago nos séculos XVI e XVII, entre os quais havia cada vez menos falantes de wolof, foram reexportados, nem se aqueles que se destinavam à reexportação viviam juntos com os residentes.

literatura como *pidgins (rudimentares)* (cf. por exemplo, Peter Mühlhäusler 1986) e comparados por muitos à *basic variety* de Klein/Perdue (um estágio inicial da aquisição individual não dirigida de uma segunda língua),<sup>12</sup> iria além do escopo deste artigo.

## 2. Atos de mudança

Um exemplo de uma mudança fónica atualmente em curso no crioulo da ilha de Santiago será suficiente para recordar o que pode ser considerado como sendo comum a todas as mudanças linguísticas em qualquer língua estabelecida.

Observamos que, atualmente, certos falantes do crioulo santiaguense (doravante: cs.) deixam de pronunciar o fonema /b/ na desinência do 'anterior' dos verbos que terminam em *-a* [ɐ], como cs. *kánta* 'cantar' (e, esporadicamente, dos que terminam em *-e* [i], como cs. *konxe* 'conhecer'). Dizem *El kantáa* ou mesmo *El kantá*, em vez de *El kantába* 'Tinha cantado'.<sup>13</sup> Alguém começou, intencionalmente ou por descuido, e outros estão a imitá-lo. Isto produz uma cisão da língua em, pelo menos, dois dialetos minimamente diferenciados, falados pelas mesmas pessoas, mas em contextos distintos, por exemplo, em situações mais ou menos formais, ou falados em diferentes regiões ou por diferentes camadas sociais. Mas enquanto os inovadores continuam a equiparar os seus *kantá(a)* 'tinha cantado', *purguntá(a)* 'tinha perguntado' etc. com os *kantába*, *purguntába*, seus ou dos outros, não é de excluir que desistam, voltando ao modo antigo de falar.

Generalizando: os falantes propõem mudanças numa unidade, numa sequência ou numa classe de unidades de uma língua que dominam. Se ninguém os seguir, desistem do que acabam de propor, não ocorrendo mudança na língua. Também emprestam palavras ou construções a outras línguas, adaptando-as à língua em que as querem integrar, pressupondo que os seus interlocutores as entendem, ou não sendo esse o caso, explicando-as. Para garantir a continuidade e não pôr em perigo o funcionamento da língua, não costumam mudar simultaneamente a expressão e o conteúdo. Não decidem, por exemplo, como o herói de um conto infantil humorístico que rapidamente abandona o seu projeto, chamar doravante à 'mesa' *cama* e à 'cama' *mesa*, nem substituem um *kantába* 'anterior' por um *kantáa* 'presente'.

<sup>12</sup> Cf. por um lado Klein, Wolfgang/Perdue, Clive (1997) e, por outro e entre muitos, Siegel (2008: 30, 40), Clements (2018/2019) e Versteegh (2018).

<sup>13</sup> Em contextos temporalmente neutros, o santiaguense *kantába* corresponde a todas as pessoas do pretérito mais-que-perfeito do verbo português *cantar*.

Nem o inventor nem os seus seguidores se esquecem imediatamente de como falavam anteriormente. A coexistência do modo antigo e do novo só termina - no indivíduo e na comunidade - com o paulatino esquecimento de um dos dois modos.<sup>14</sup> Toda e qualquer proposta individual de mudar seja ou que for numa língua comum está inevitavelmente sujeita a um destes três desfechos possíveis: generalização, abandono ou manutenção da divisão em dois dialetos.

E que finalidade perseguem os falantes de uma língua ao introduzirem mudanças? Aquele que primeiro adota uma alteração, propõe-na, por exemplo, com o intuito de melhorar o funcionamento da língua, geralmente sem se aperceber de todas as implicações do seu ato. Os que posteriormente seguem o seu exemplo, fazem-no, pela mesma razão ou, simplesmente, para se manter na comunidade linguística, sendo comum que ambas as motivações coexistam.

### 3. Atos de análise

#### 3.1. A situação inicial da criouliização

Agora, o que acontece quando duas pessoas linguisticamente adultas, que falam línguas completamente diferentes, necessitam de comunicar entre si? Gesticulam e falam. Reconhecem que a outra pessoa fala, mas, numa fase inicial, o que diz é percebido apenas como ruído. Se houver, entre as duas pessoas, uma para quem é mais importante compreender a outra e ser compreendida por ela, pelo menos essa esforçar-se-á por aprender a língua da outra - na medida do necessário. E como é que esta pessoa lida com os *continua* fônicos<sup>15</sup> que chegam aos seus ouvidos?

É neste contexto que a ideia de que a aquisição não dirigida de uma língua estrangeira (e, portanto, também a criouliização) constitui uma forma de mudança linguística se revela totalmente inadequada. Como imaginar que este aprendiz, ou criouliizador, muda algo na língua do outro, deixando simultaneamente outros aspetos inalterados? Se não tem ainda nada que possa mudar ou deixar!

E revela-se igualmente inadequada a ideia de que poderia aprender a língua estrangeira pelo que os psicólogos chamam de 'aprendizagem implícita'

---

<sup>14</sup> Para estas características comuns a todas as mudanças linguísticas, cf. já Whitney (1867) e Coseriu (1958).

<sup>15</sup> Com a expressão '*continuum* fónico', retomo expressões inglesas como 'phonetic string' (Levebvre, por exemplo, 2008: 201) ou 'chain of sounds' (cf. Versteegh, por exemplo, 2018: 235).

(*implicit learning*).<sup>16</sup> Esta pessoa não pode esperar que a simples exposição a grandes quantidades de discursos (não segmentados e largamente incompreendidos) na língua do outro conduza o seu cérebro a descobrir pouco a pouco certas regularidades estatísticas neste *input*.

O essencial: este aprendente/crioulizador já fala uma ou várias línguas. Pode, em princípio, aprender outra língua, mas não pode reaprender a falar. Ao contrário de quando era uma criança, sente-se linguisticamente adulto e vivencia a sua incapacidade de se expressar na língua do outro como uma deficiência. Nesta situação, recorre à sua própria língua (a mão não identificada por Schuchardt) que o ajuda, mas também o atrapalha.<sup>17</sup>

Uma comparação - ousada - com práticas da pastelaria de Natal talvez ajude, momentaneamente, a compreender o processo em questão: tal como a pasteleira, antes de poder trabalhar os biscoitos, tem de os recortar da massa estendida, usando as formas (uma estrela, um Pai Natal, uma árvore de Natal, etc.) de que dispõe, também o aprendente/crioulizador se vê confrontado com a necessidade de recortar unidades linguísticas hipotéticas no *continuum* fónico (na 'substância fónica') estendida pelo outro. As 'formas', às quais tem 'full access' para o fazer, são as da língua que lhe é mais familiar. Chamo, pois, atos de análise a todos os atos pelos quais o aprendente/crioulizador divide um *continuum* fónico emitido pelo interlocutor em unidades linguísticas hipotéticas, apoiando-se para tal na sua própria língua.<sup>18</sup>

### 3.2. Um exemplo fictício

Seria perigoso prosseguir com esta comparação. Prefiro passar a um exemplo linguístico que já usei no dia 15 de fevereiro de 2025, na capital de Cabo Verde, num *Fórum da língua materna*. Exemplo fictício, claro está, primeiro porque, na época da crioulização, ninguém estava lá para tomar notas de um acontecimento deste tipo, e segundo porque, se tivesse estado, não teria visto o que se passava no subconsciente dos crioulizadores.

Suponhamos, pois, que por volta de 1470, um colono português diz a um grupo de escravos wolof:

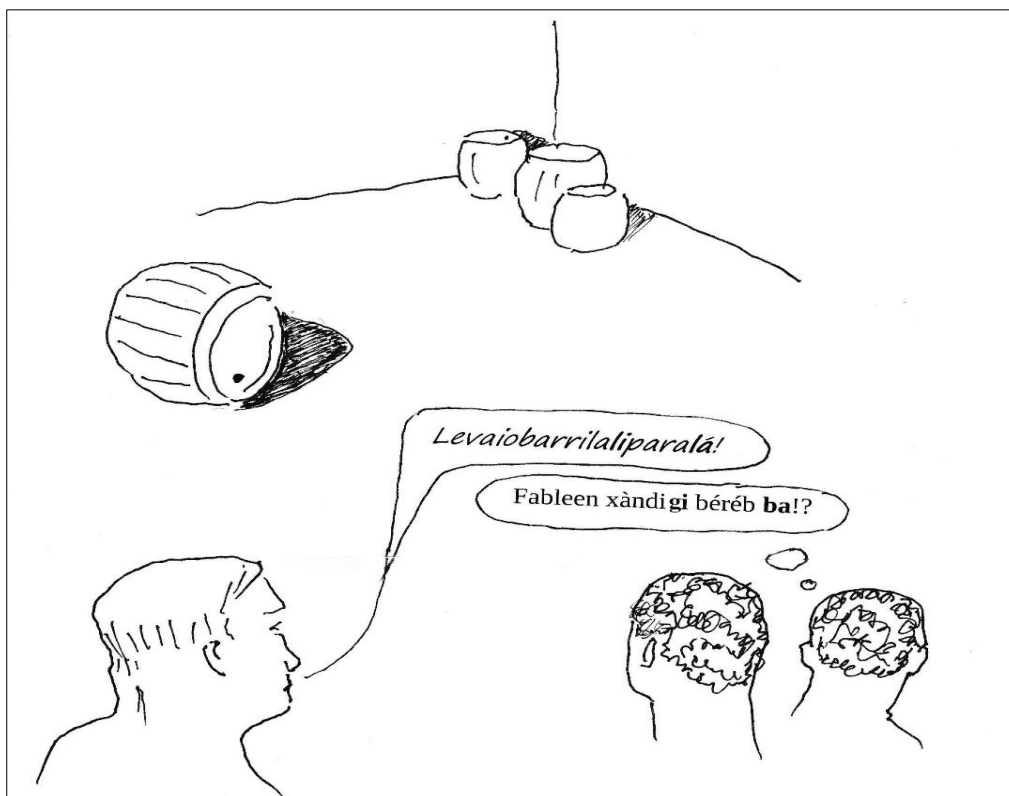
---

<sup>16</sup> Cf., por exemplo, Rebuschat (ed.) (2005) com contribuições do próprio editor, de Nick Ellis, de Albertyzna Paciorek e John N. Williams, e outros.

<sup>17</sup> "...all previous experiences are a factor, either facilitating or inhibiting the learning of a new language" (Ellis em Rebuschat 2005: 13).

<sup>18</sup> Nestes atos de análise, as contribuições das línguas de substrato e superestrato dum crioulo são, portanto, realmente 'principled', no sentido de Lefebvre (2008). Para o uso dos termos 'forma' e 'substância' - emprestados de Coseriu (1967) - para o respetivo *input* das línguas de superestrato e de substrato, veja-se Lang (1981).

P *Levaiobarrilaliparalá!*<sup>19</sup>



Acompanha o seu convite com dois gestos: um em direção do barril, relativamente perto, o outro em direção do lugar para onde quer que levem o barril, um pouco mais afastado.

Ajudados pela clareza da situação, os escravos compreendem de que se trata. No entanto, essa compreensão, por si só, esporádica, não é para eles satisfatória; querem que os ajude em futuros intercâmbios com os donos. Tentam, pois, analisar o que ouviram em unidades linguísticas que lhes poderão ser úteis no futuro.<sup>20</sup> E, para tal, recorrem, intuitivamente, a uma frase na própria língua que eles mesmos poderiam ter utilizado para executar o ato de fala que compreenderam, graças à situação extra-linguística, ser um convite para levarem o barril para um determinado lugar.

<sup>19</sup> Ou talvez ainda *Levadeobarrilaliparalá*. Como é impossível conhecer com exatidão a pronúncia não padrão dos colonos portugueses da época, uso ortografia normal na fonte *Ser-goePrint* sem espaços para representar (trechos de) *continua* fônicos da sua fala.

<sup>20</sup> Versteegh (2018: 235) fala de "chunks from the chain of sounds that appear to be useful".

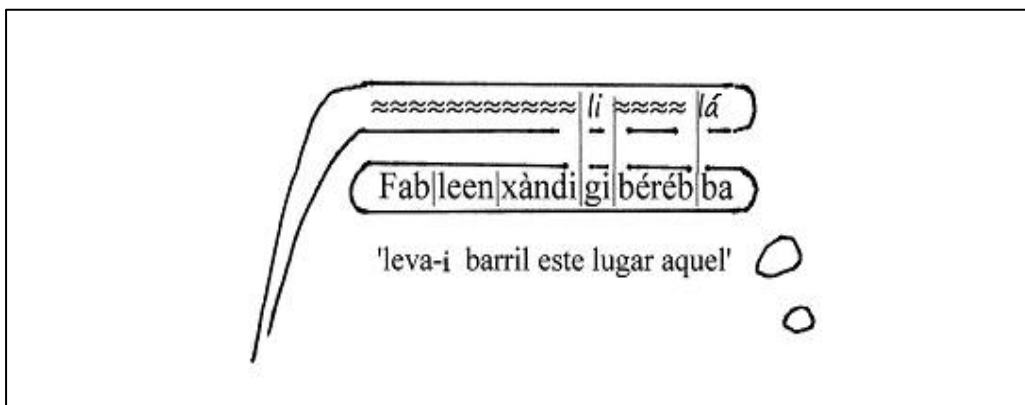


Por outras palavras, os escravos partem, até prova em contrário, do princípio de que a língua do dono tem as mesmas construções, categorias gramaticais, lexemas, morfemas e fonemas - em suma, as mesmas unidades linguísticas - que a sua língua de partida; a diferença reside no facto de que, na língua-alvo, os lexemas e morfemas estão, obviamente, constituídos por outras sequências de fonemas (cf. Lang 1981: 202/203 e Lefebvre 2008: 198).

Este pressuposto fornece a justificação teórica para o número crescente de estudos comparativos<sup>21</sup> que mostram que, nos crioulos, as divergências mais notáveis em relação à língua-alvo inicial podem quase sempre ser atribuídas às chamadas línguas de substrato.

No wolof, o que disse o colono, poderia dizer-se da seguinte maneira:

W Fableen xàndi gi béréb ba!



Graças aos gestos do dono, um dos escravos crê identificar, no *continuum* fónico, os 'artigos definidos' /li/ 'este' e /lɛ/ 'aquele' do seu wolof<sup>22</sup>, equivalentes aos seus /gi/ e /bɛ/, tratando-se de substantivos da classe *l*-.<sup>23</sup> Assim, o equivalente

<sup>21</sup> Cf. por exemplo, Michaelis/Haspelmath (2003), Michaelis (2008), Gutiérrez Maté (2024: 5), (4) e (6), etc.

<sup>22</sup> Nem todos os autores chamam os *bi/ba/bu*, *li/la/lu*, *gi/ga/gu* etc. do wolof de 'artigos definidos' (como fazem Gamble 1963: 134, Njie 1982: 61/62, Samb 1983: 26-31, Diouf/Yaguello 1991: 23, Faye 1999: 13 etc). Provavelmente seria mais correto referir-se com este termo aos 'classificadores' *b-*, *l-*, *g-* etc. contidos neles. Mas estes classificadores pospostos aos substantivos só se usam fusionados com elementos deícticos, *-i*, *-a*, *-u* sendo os mais ligeiros entre todos estes (*-i* sugere proximidade do objeto, *-a* distância e *-u* usa-se quando segue um adjetivo).

<sup>23</sup> Pratica assim o que Alain Kihm chamou uma *conflation*. Kowenberg (2001: 236) recorda a descrição de tal ato feita por Alain Kihm: "Given that a fortuitous formal similarity of really or apparently comparable elements from possibly very different languages is an attested and, after all, inevitable fact, one may expect spontaneous learners of a second language to grab at such

hipotético em wolof ao ato de fala do dono fornece a este escravo três unidades igualmente hipotéticas da língua-alvo: /li/ 'este', /lɛ/ 'aquele' e /pare/ 'lugar'. Evidentemente, o escravo não obteve estas três unidades por atos de mudança, mas por análise. Para ele é um primeiro passo, nem mais nem menos.

Resta um resíduo *levaiobarríla* que o escravo sabe pelo menos constar de várias unidades, mas que, para ele, fica por analisar porque não sabe onde começa e onde termina o trajeto sonoro correspondente à desinência wolof da 2ª pessoa do plural do imperativo.

### 3.3. A natureza dos atos de análise

Tentemos agora, com base neste exemplo hipotético, compreender mais pormenorizadamente a natureza de tais atos de análise:

- Ao realizar um ato de análise linguística, o aprendente/crioulizador opera sobre um *continuum* fónico que corresponde a um ato de fala na língua desconhecida. Analisa esse *continuum* numa série de presumíveis unidades linguísticas de expressão e, tratando-se de lexemas ou morfemas, de expressão e conteúdo. O seu objetivo é a aquisição de meios linguísticos, não a mudança de unidades linguísticas que conhece.

- Inicialmente, apenas se prestam a atos de análise aqueles *continua* fónicos cujo sentido global é apreendido com base na situação extralinguística. (À medida que o contexto verbal se torna parcialmente compreensível, este poderá, por sua vez, contribuir para a compreensão do sentido global de segmentos ainda não analisados.)

- Para analisar um destes *continua*, o aprendente/crioulizador recorre a um ato de fala virtual na sua língua primeira. É este aspeto que distingue os atos de análise dos aprendentes de uma língua estrangeira daqueles que ocorrem na aquisição da língua materna, em que a criança só dispõe da situação e da sua capacidade linguística humana.

- O hipotético ato de fala na própria língua permite formular uma primeira hipótese acerca da articulação deste *continuum* em unidades linguísticas fónicas e de conteúdo (isto é: em orações, sintagmas, palavras e morfemas, assim como em unidades de entoação, em sílabas e fonemas).

---

elements and conflate them in their minds, by virtue of this principle [...] that you more easily learn what you think you already know".

- O ato de fala virtual na própria língua fornece ao criouizador imediatamente uma sequência de significados, uns lexicais, outros gramaticais, que, juntos, integram uma construção. Tanto os significados como a construção pertencem à língua de partida do criouizador, mas o criouizador assume — até prova em contrário — que também existem na língua-alvo. Em contrapartida, o ato de fala virtual na própria língua não informa sobre onde, no *continuum* fónico ouvido, começam e terminam os significantes que transportam estes significados. Voltarei, sob 3.5., a este problema de segmentação. Por enquanto, vamos ficar com os significados.

### 3.4. A criação dos significados

No nosso exemplo fictício, o ato virtual *Fableen xàndi gi béréb ba!* fornece a sequência de significados 'fab' '-leen' 'xàndi' '-gi' 'béréb' '-bi', que o criouizador assume existirem também na língua-alvo. Em muitos casos, os significados assim obtidos não diferirão muito daqueles que o colono realmente utilizou. No nosso exemplo, isto parece ser o caso de 'fab' e de '-leen', quando comparados com os significados portugueses transportados por 'leva' e '-i'. E vale para o w. '-la' comparado com o pg. 'lá', pelo menos, no que diz respeito à parte déictica do seu significado. O caso de 'xàndi' já é mais complicado. Os dicionários wolof-francês traduzem-no por *fût*, o que não corresponde exatamente a pg. 'barril'.<sup>24</sup> Quanto a *...paralá*, o nosso criouizador sucumbe a um mal-entendido: o significado 'béréb' corresponde ao de pg. *lugar*, enquanto pg. *para* tem um significado preposicional que, juntamente com o que se segue, especifica uma direção. Trata-se de um mal-entendido até certo ponto previsível, porque, primeiro, em wolof, após *fab* 'levar', o complemento que indica o destino se introduz sem preposição (o que vale também para o verbo *leva* do cs. basilectal; cf. Brüser et al. 2002: s.v. *leba*), ao passo que, em português, após *levar*, tal complemento se introduz com uma preposição; segundo, porque o significado gramatical wolof '-la' exige que preceda um substantivo. Qualquer tentativa do nosso criouizador de reutilizar, ativa ou passivamente, o significante /'parə/ com o significado 'béréb, lugar' resultará em fracassos comunicativos. O trecho fónico *...para...* fica, portanto, disponível para novas hipóteses de análise.

Mas mesmo as atribuições de significado relativamente corretas (do ponto de vista da língua-alvo) baseadas num ato de fala virtual da própria língua

---

<sup>24</sup> Ignoro se, à chegada dos portugueses os wolof já usavam barris.

continuam a ser hipóteses que têm de ser comprovadas na comunicação. O criouliizador do nosso exemplo fictício sabe que *Fableen xàndi gi béréb ba!* é apenas uma entre outras formas possíveis de dar essa instrução na sua língua. Em vez de *xàndi gi*, o dono poderia ter falado simplesmente de 'esta coisa' (w. *kěf ki*); poderia ter sido mais específico no modo de deslocar o objeto, usando um dos significados w. 'bërëŋ' (pg. 'rolar') ou w. 'jañ' ou 'nalu' (ambos comparáveis ao do pg. 'empurrar') etc.; e poderia ter executado o ato de fala indiretamente, por exemplo, afirmando a necessidade de o barril ser levado para lá.

Regra geral, a grande maioria das atribuições de significado não atingem plenamente o seu objetivo; e muitas falham o seu objetivo de forma espetacular. Vejamos alguns exemplos disso no crioulo de Santiago.

Pode ter sido suficiente que um dono dissesse a um escravo em fase de recuperação de uma doença: *\*Agora (vos) está pronto* (quer dizer: para trabalhar de novo), e que o escravo entendesse que se referia à sua saúde, para que *prontu*, em crioulo, passasse a significar não apenas 'pronto', mas também 'são' (cf. Brüser et al. 2002: s.v. pronto). Os colonos portugueses deslocavam-se quase exclusivamente de barco, tanto ao longo da costa como no arquipélago de Cabo Verde. Orientavam-se com a ajuda dos cabos por onde passavam (pg. *cabo*, plural *cabos*). Os africanos em Santiago, na Casamansa e na Guiné ficaram com a impressão de que, ao falar de um *cabo* falavam simplesmente de um 'lugar'. E de facto, entre os numerosos significados dos derivados do pg. *cabo* nos respectivos crioulos falta o de 'promontório', mas encontra-se o de 'lugar'.<sup>25</sup> Para o santiaguense sem muita instrução, *Cabo Verde* significa 'lugar verde, Grønland'.

Como explicar a surpreendente ausência, no crioulo de Santiago, de um verbo derivado do verbo transitivo pg. *dizer*, porém altamente frequente, e o uso, no seu lugar, do cs. *fla*? *Fla* deriva do verbo pg. *falar*, que, em português, é (na maioria dos seus empregos) intransitivo. Bastava que um ou vários falantes de wolof interpretassem ocorrências de ...*falar*... como significando 'wax', que, no wolof, traduz tanto pg. *falar* como pg. *dizer*, para ficarem livres de empregar o cs. *fla* como verbo transitivo.<sup>26</sup>

Inversamente, o verbo português *ter* (ingl. 'have', fr. 'avoir' etc.) foi dobrado em dois verbos distintos, de acordo com os dois equivalentes em wolof: temos o cs. *ten*, que indica uma posse sem sugerir limites temporais (como em *E ten dinheru* 'É rico'), e temos o cs. *tene* (no século XIX a pronúncia era ainda [te'ne]), que sugere uma posse apenas temporária (como em *E tene dinheru* 'Tem

<sup>25</sup>cf. Quint-Abrial (1998) e Brüser et al. (2002: s.v. *kábu*) e Rougé (2004: s.v. *cabo*).

<sup>26</sup> Como verbo intransitivo, *fla* foi suplantado por *papia*. Isso não invalida a explicação aqui avançada.

dinheiro com ele'). No wolof, faz-se a mesma distinção usando os verbos *am* e *ame*. Interpretando ...*ten*... como significando 'am', era lógico assumir que, na língua-alvo, *ten* tivesse também um parceiro *tene*.<sup>27</sup>

Fico-me por estes três exemplos de atribuições de significados mal-sucedidas (do ponto de vista português), que dizem respeito a domínios absolutamente centrais do léxico santiaguense. Eles mostram como surgem os primeiros significados de um crioulo.

### 3.5. A delimitação dos significantes

Resta o problema de saber como o criouizador traça os limites entre os significantes que supostamente transportam os significados imputados. No nosso exemplo fictício, são gestos de apontar do dono e semelhanças entre trechos fónicos da sua fala e elementos da língua de partida do criouizador que lhe sugerem uma primeira segmentação do *continuum* fónico ouvido em quatro partes:

*Levaiobarrila | l | para | lá.*

Generalizando, podemos dizer que

- gestos de apontar que acompanham o ato de fala na língua-alvo podem sugerir que, nos lugares correspondentes do *continuum*, há elementos deícticos.

- Outros gestos 'descritivos' que acompanham o ato de fala na língua-alvo podem informar sobre o lugar onde se menciona o objeto descrito. No nosso caso, a redondeza do barril ou as ações de levar, de rolar ou de empurrar poderiam ser representadas gestualmente pelo dono.

Ao passo que os gestos do falante da língua-alvo (incluindo o movimento dos seus olhos) funcionarão muitas vezes como verdadeiros auxílios para a compreensão e aprendizagem,<sup>28</sup> outras pistas, provenientes da língua de partida do criouizador poderão ajudar ou induzir em erro. Isto vale para:

---

<sup>27</sup> No wolof há ainda os pares *moom/moome* e *yor/yore* que se distinguem pelo mesmo traço semântico (cf. Lang 2009: 233).

<sup>28</sup> Na realidade, nem mesmo tais gestos são inequívocos: um gesto de apontar não acompanha necessariamente um elemento deíctico e um gesto que indica redondeza pode acompanhar uma expressão como *essa coisa ali*.

- semelhanças fônicas entre trechos na fala da língua-alvo e significantes da língua de partida dos aprendentes/crioulizadores. Tais semelhanças fônicas sugerem limites precisos. No nosso exemplo fictício é a semelhança fônica entre .../i/... e ... /á/... e os elementos *li* [li] 'este' e *la* [lɐ] 'aquele' do wolof, que leva o criouliizador a reter os significantes /li/ e /lɐ/.

E vale também para:

- as regras fonotáticas da língua de partida dos aprendentes/crioulizadores. Os falantes do wolof, por exemplo, dificilmente toleram lexemas que começam por uma vogal átona e têm muitos que começam por um fonema consonântico pré-nasalizado. Em consequência, as vogais átonas iniciais do português não passaram ao crioulo de Santiago,<sup>29</sup> nem mesmo quando a sua omissão deu origem a consoantes pré-nasalizadas em posição inicial. Assim, temos não só pg. *abana* > cs. *bána*, pg. *oferecer* > cs. *ferese*, etc., mas também pg. *emprestar* > cs. *nprista*, pg. *embarcar* > cs. *nbárka*, pg. *entender* > cs. *ntende*, pg. *indagar* > cs. *ndága*, etc. Enquanto os portugueses viam e veem nas sequências [mp], [mb], [nt], [nd] etc. contidas nestes lexemas sequências de dois fonemas, os falantes de wolof interpretavam-nas, de acordo com a fonologia da sua língua ancestral como fonemas consonânticos pré-nasalizados. Par além disso, criaram no crioulo nascente fonemas consonânticos pré-nasalizados como /ʃ/, /ʒ/ etc. que não existiam na sua língua de partida, ao tirar um cs. *nxina* do pg. ...*ensinar*..., um cs. *njuria* do pg. ...*injuriar*... etc.<sup>30</sup> Voltarei a este assunto na conclusão.

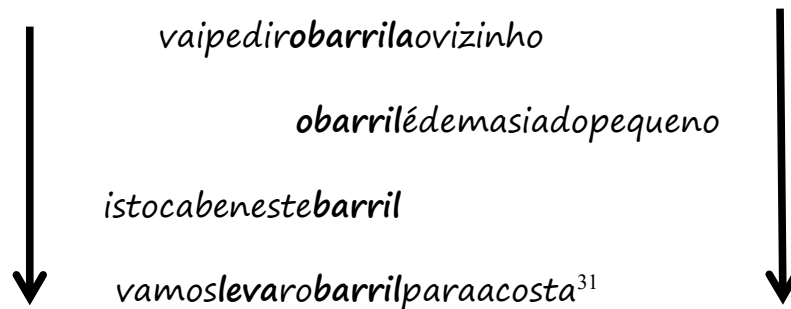
Deve haver outras características da língua de partida dos criouliizadores que os podem orientar na delimitação dos significantes nos *continua* fónicos ouvidos (como os seus padrões de entoação ou de acentuação etc.).

Mas à medida que o contacto entre o aprendente/crioulizador e o falante da língua-alvo se intensifica, surge um novo auxiliar de segmentação, cuja importância se torna cada vez mais maior, isto é:

<sup>29</sup> Isto verifica-se também no caso de pg. *ali* > cs. *li*, embora, neste caso, como acabámos de ver, o criouliizador tenha ainda outra razão para ignorar o [ɐ] de ...*ali*... . É certo que, no santia-guense, temos também *ali*, *ala* com [ɐ] átono inicial, em vez de *li*, *la*, mas só quando este [ɐ] marca a função temática do advérbio (cf. cs. *ami* 'eu', *abo* 'tu', *anho* 'você' etc., variantes temáticas de cs. *mi*, *bo*, *nho* etc.).

<sup>30</sup> Parece que isto era mais fácil do que aceitar palavras que comessem por uma sequência de consoante nasal seguida de outra consoante, inexistentes no seu wolof. Só que a língua-alvo não tinha fonemas pré-nasalizados.

- a reaparição de certos trechos fónicos. Assim, noutras situações, onde se trata também de um 'xândi', aparecerá de novo, na fala do dono, o trecho fónico ... *barril* ... e reaparecerão, cada vez com mais frequência, outras cadeias sonoras já ouvidas - o que permitirá ao aprendente/crioulizador ir progressivamente fixando os limites sintagmáticos da palavra portuguesa *barril*. Podemos ilustrar este progresso, imaginando uma série hipotética de encontros posteriores com *continua* fónicos como os seguintes:



Esta série de encontros hipotéticos conduziria o escravo ao significante /bɐ'ril/ do crioulo santiaguense, passando sucessivamente por /ubɐ'rilɐ/ e /ubɐ'ril/ (e paralelamente ao significante /le'ba/).

Mas as unidades linguísticas de um crioulo que mais claramente revelam que foi criado por aprendentes de outra língua são de novo aquelas que derivam de atos de análise que falharam a articulação de atos de fala na língua-alvo. Vejamos alguns resultados espetaculares de segmentação errada e/ou omitida (do ponto de vista da língua-alvo):

- A conjunção coordenativa cs. *kifari* '(para) que falar de, quanto mais' parece dar continuidade ao trecho sonoro ...*quefalarde*... (pg. *que falar de*);

- As conjunções subordinativas cs. *pamódi* 'por causa de' e cs. *óki* 'quando' (referido ao futuro ou a um hábito) parecem dar continuidade aos trechos sonoros ...*pormorde*... (pg. *por (a)mor de*) e ...*horaque*... (pg. *(na) hora que*);

- A interjeição cs. *Bénka!* 'Para cá!, Venha!' não consta de duas partes porque, no crioulo santiaguense, não existe nem \**bén* (< pg. *Vem!*) nem \**ka* (< pg. *cá*).

<sup>31</sup> *Vai pedir o barril ao vizinho! O barril é demasiado pequeno. Isto cabe neste barril. Vamos levar o barril para a costa.*

O cs. *Bénka!* remete, evidentemente, para o trecho sonoro *vemcá* (pg. *Vem cá!*).

O que corresponde aos resultados de tais análises falhadas na história das línguas estabelecidas não são palavras como fr. *maison*, resultado de uma série de mudanças fónicas a partir do lat. *MĀNSIŌNEM* (acusativo de *MĀNSIŌ* 'estadia'), mas fr. *tante*, ou pg. *oxalá* etc., também resultados de análises falhadas. O fr. *tante* 'tia' remete-nos para uma análise infantil do *continuum* fónico ...*tante* ['tãntə]... numa época em que a designação para a irmã da mãe ou do pai soava ainda ...*ante* ['ãntə]... (< lat. *AMITAM*, acusativo de *AMITA* 'tia do lado do pai') e em que *t'ante* ['tãntə] significava 'a tua tia'. Mas a criança compreendeu simplesmente 'tia'. Os adultos adotaram esta criação, provavelmente por a acharem engraçada. A exclamação portuguesa *Oxalá!* resultou da incapacidade, por parte de peninsulares medievais, de analisarem corretamente a expressão árabe *waša* 'allāhu! 'E queira Deus!'.<sup>32</sup>

Com clarividência, as histórias das línguas francesa, portuguesa e espanhola classificam tais criações como marginais, uma vez que derivam, em última instância, de atos de análise falhados por parte de pessoas com um fraco domínio da língua própria (no caso de *tante*), ou de uma língua estrangeira (no caso de *Oxalá!*). Marginais, porque, regra geral, os adultos não assumem as criações infantis e porque as línguas ibero-românicas não tiveram origem num processo de criouliização do árabe.

### 3.6. Resumo

Temos de aceitar que os atos de mudança linguística da linguística histórica tradicional pressupõem atos de análise, sendo estes os mais característicos dos processos não dirigidos da aprendizagem duma língua. Um truísmo: antes de se poder modificar algo, é preciso ter acesso a esse algo. Tal como os atos de mudança, os de análise são atos puramente mentais, cuja realização se manifesta na fala de quem os executou. E tal como os atos de mudança, os de análise só se transformam em factos históricos na medida em que os seus resultados são adotados por outros falantes. Pode presumir-se que outros crioulizadores com a mesma língua de partida do proponente reconhecerão facilmente para que unidade da sua língua ancestral o seu colega pensa ter encontrado um equivalente na língua-alvo, e que por isso adotarão esta equiparação de bom grado.<sup>32</sup>

<sup>32</sup> A hipótese que a criouliização progride mais rapidamente se todos os crioulizadores partem da mesma língua ancestral recebe apoio empírico indireto em Siegel (1998), onde o autor mostra que a competição entre diferentes procedimentos linguísticos para o mesmo fim, observada no



O problema: inicialmente, os atos individuais de análise do aprendente/crioulizador só fornecem palavras e morfemas cujo significado ou função corresponde a unidades da sua língua ancestral, embora compostas por outras sequências de fonemas. E, quanto maior for a diferença entre a língua ancestral dos crioulizadores e a língua-alvo, maiores serão os problemas de comunicação com os falantes desta que resultam de tais atos de análise. Enquanto a aprendizagem da língua de base continuar a ser o objetivo, ou pelo menos um dos objetivos da maioria dos crioulizadores, a maioria dos resultados destes atos de análise devem, pois, ser corrigidos.<sup>33</sup>

Para o fazer, há duas opções:

- rejeitar pelo menos alguns dos resultados obtidos por análise e começar de novo. No nosso exemplo, a unidade /'parɐ/ com o significado 'béréb, lugar' está condenada a ser rejeitada;
- mudar alguns elementos obtidos por análise, para os aproximar aos elementos da língua-alvo.

Parece razoável supor que os crioulizadores preferem a segunda opção, sempre que houver esperança de facilitar a comunicação com isso. Vamos agora debruçar-nos sobre estes atos de mudança na crioulização.

#### **4. Atos de mudança na crioulização**

As mudanças que o aprendente/crioulizador começa agora a realizar, numa tentativa de aproximar a sua interlíngua da língua-alvo, continuam a basear-se na compreensão da situação extralinguística. Mas já não se valem de frases virtuais da sua língua ancestral, senão apenas da sua capacidade linguística humana. Para ilustrá-las, imagino uma continuação para o nosso exemplo hipotético.

---

período australiano do *Melanesian Pidgin English*, desapareceu em benefício dos procedimentos presentes nas línguas locais, a partir do momento em que os melanésios regressaram às suas ilhas de origem (Nova Guiné, Vanuatu, Ilhas Salomão).

<sup>33</sup> A crioulização começa com a vontade de comunicar na outra língua e termina com a adoção do resultado da integração das interlínguas dos crioulizadores como nova língua comum. Isto não implica a existência de um momento exato em que termine a aprendizagem e se adote a nova língua. Provavelmente, o crioulizador individual pode hesitar durante algum tempo entre ambos os comportamentos. E alguns crioulizadores podem certamente ainda esforçar-se por aprender a outra língua, quando outros já desistiram desse objetivo.

Um escravo fica com a ideia de que, no *continuum* fónico que ouve, .../i... e .../a... correspondem aos /li/ 'este' e /lɛ/ 'aquele', 'artigos definidos' (cf. nota 21) que, no wolof, acompanham substantivos da classe /-/.

Mais adiante, ele ou outros chegam à conclusão de que, na sua língua-alvo, aparentemente, todos os substantivos pertencem à mesma classe<sup>34</sup> e transformam /li/ e /lɛ/ em artigos definidos para todos os substantivos. E, finalmente, dificuldades de compreensão, quer por parte dos crioulizadores, quer por parte dos seus interlocutores, levam os mesmos ou outros crioulizadores a abandonar a ideia de que /li/ e /lɛ/ são artigos definidos, reclassificando-os como advérbios demonstrativos.

Se o processo de aprendizagem não tivesse sido abandonado, certos aprendentes/crioulizadores teriam, certamente, acabado convencidos

- de que o advérbio de lugar da língua-alvo não era [li], mas [ɛli];
- de que este [ɛli] não apontava para a proximidade mas para a distância;
- e de que, na língua-alvo, se podia mesmo distinguir entre três graus de distância, usando *aqui*, *aí* e *ali*.

Mas os crioulizadores de Santiago não chegaram até lá. E os factos de o advérbio crioulo continuar a soar /li/ e apontar para perto ficaram como dois dos múltiplos indícios que nos permitem afirmar que o santiaguense é uma versão criouliizada do português dos colonos da época.

Resumindo, considerámos dois atos hipotéticos de mudança na história dos advérbios demonstrativos /li/ e /lɛ/ do crioulo de Santiago:

- /li/ e /lɛ/ 'artigos definidos para substantivos da classe /-' foram transformados em 'artigos definidos para todos os substantivos';
- /li/ e /lɛ/ 'artigos definidos para todos os substantivos' foram transformados em 'advérbios de lugar'.

---

<sup>34</sup> Conclusão incorreta, posto que o português distinguia, e distingue, entre substantivos de género masculino e feminino. Mas o crioulo de Santiago surgirá, de facto, como uma língua sem classes nominais. O facto de, em wolof, [li] e [lɛ] serem também usados como pronomes relativos sem antecedentes lexicais poderia contribuir para a 'retificação' aqui assumida. Cf. w. *Li nga def baaxul* 'Ce que tu as fait est mal' (vgl. Diouf 2003: s.v. *li* e *la*). E pode ter ajudado a esta generalização a experiência com certos artigos definidos que os wolof usam com substantivos de classe desconhecida. No wolof atual, [bi] e [bɛ] são usados com todos os substantivos emprestados do francês.

Os atos de mudança nos processos de criouliização diferem, porém, em vários aspetos, daqueles que fazem parte da história interna das línguas estabelecidas.

Em primeiro lugar, e importantíssimo para o objetivo delineado nesta contribuição, os atos de mudança nos processos de criouliização não alteram a língua-alvo dos crioulizadores, mas sim o crioulo emergente. Se todos os crioulizadores em Santiago tivessem aprendido o português, este não teria mudado; teria apenas ganhado novos falantes. Tendo adquirido a língua, os novos falantes poderiam, então, ter começado a mudar este português, superando o estado em que o encontraram. Mas, de facto, abandonaram a aprendizagem e, assim, a sua língua ficou a uma certa distância do alvo inicial, sim, mas parou antes do alvo, não além dele.

Em segundo lugar, o que também distingue estas propostas de mudança que surgem no decurso da criouliização dos atos de mudança que constituem a história de uma língua é o facto de representarem tentativas, não no sentido de aperfeiçoar a própria língua, mas de alcançar outra, estrangeira.

Em terceiro lugar, o que leva outros crioulizadores a aceitar tais propostas, tornando-as assim em factos históricos, é a esperança de que sirvam este fim. E é provável que os leve a adoptá-las, não apenas em coexistência, mas imediatamente como substitutos de propostas anteriores.

A aceitação da realidade de tais atos de mudança linguística na criouliização abre, na teoria da criouliização, uma dimensão diacrónica que ainda está em grande parte ausente.<sup>35</sup> Também permite fazer justiça a existência indiscutível de crioulos mais e menos 'radicais'.

## 5. Conclusão

Tinha anunciado uma crítica da opinião segundo a qual a criouliização não seria mais do que uma série de mudanças linguísticas na língua que está a ser criouliizada. Posso agora especificar o porquê de não poder aceitar esta opinião.

Como qualquer tipo de aquisição não dirigida de uma língua, a criouliização começa por atos de análise. Estes não podem ser, de modo algum, confundidos com atos de mudança linguística.

É certo que qualquer destes atos de análise abre ao aprendente/criouliizador a possibilidade de operar mudanças nas unidades daí resultantes. No en-

---

<sup>35</sup> Isto vale também para a teoria do *relabelling* de Claire Lefebvre, com a qual, de resto, concordo largamente.

tanto, estes atos de mudança que se destinam a aproximar o crioulo emergente da língua-alvo, não alteram esta última, mas sim o crioulo emergente.

A nova concepção da criouliização aqui apresentada, segundo a qual esta começa com atos de análise que, com o decorrer do tempo, vão cedendo espaço a atos de mudança, permite conciliar aspetos da criouliização cuja complementaridade não foi bem entendida.

Diz-se, por exemplo, que, nas línguas crioulas, se encontram contribuições das línguas de substrato e superstrato, bem como inovações. Segundo alguns, estas últimas resultariam da eficiência de tendências universais. Mas ficamos sem saber quando e por que os crioulizadores se servem ora aqui, ora ali e, às vezes, aparentemente, nem aqui nem ali.<sup>36</sup> Eis as minhas respostas a estas perguntas:

Os crioulos apresentam semelhanças funcionais com as línguas de substrato onde os crioulizadores ficaram perto do ponto de partida: o da interpretação, num ato de análise, de trechos fónicos da fala na língua de superstrato como significantes para significados da língua de substrato. Provavelmente, permaneceram lá quando isso não prejudicava excessivamente a comunicação com os falantes da língua de superstrato.

E apresentam semelhanças funcionais e materiais com as línguas de superstrato onde os crioulizadores, movidos por problemas comunicativos, mudaram os resultados de atos de análise para torná-los mais semelhantes a elementos da língua de superstrato.

Também apresentam autênticas inovações: o crioulo de Santiago, por exemplo, não tem artigo definido, apesar de que existe e existia no wolof e no português, e possui parceiros pré-nasalizados para os fonemas consonânticos /f, s, ʃ, v, z, ʒ/, embora faltem e faltassem no português e no wolof.

Pelo menos nestes dois casos, não se trata de empréstimos de uma suposta 'gramática universal' ou de uma cedência a 'tendências universais'.

No nosso exemplo fictício, os falantes de wolof procuraram correspondências para os seus artigos definidos pospostos, chegando mesmo a pensar, temporariamente, que as tinham detetado. Ao reconhecerem tratar-se, na verdade, de advérbios de lugar, reinterpretaram-nos como tal e já não ficaram artigos definidos.<sup>37</sup> Diante dos substantivos não os tinham procurado.

---

<sup>36</sup> Ainda vale em grande parte: "... convergence is used by creolists wishing to take a compromise position between substrate, superstrate, universalist and other possible explanations in creole genesis by simply allowing a combination of these. As such, its application is ad hoc and not particularly revealing, ..." (Kouwenberg 2001: 219)

<sup>37</sup> Esta explicação deve ser reformulada, se aceitarmos que as formas do artigo definido em wolof não são *gi/gu/ga*, *bi/bu/ba*, etc., mas sim *g-*, *b-*, etc. (cf. aqui a nota 22).

E quanto aos fonemas consonânticos pré-nasalizados, a sistemática omissão das vogais átonas iniciais, inspirada no wolof, levou os crioulistas a acreditar que a língua dos colonos portugueses possuía não apenas os nove fonemas consonânticos pré-nasalizados do wolof, mas ainda os seis mencionados anteriormente. Como na sua língua não existiam, nem existem sequências de fonema consonântico nasal seguido de outro fonema consonântico, não se lhes ocorreu a ideia de interpretar o *nf-* de *nfáda* etc. como uma sequência de dois fonemas.

Vemos, pois, que pelo menos estas inovações crioulas não constituem *creationes ex nihilo*, nem resultados duma cedência a tendências universais ou empréstimos a uma gramática universal. O que nelas há de universal é apenas isto: o que se perde – por exemplo, um artigo definido – não é imprescindível ao funcionamento de uma língua humana e o que se ganha – por exemplo, parceiros pré-nasalizados para fonemas como /f, s, ʃ, v, z, ʒ/ – permanece dentro dos limites dentro dos quais as línguas humanas podem diferir umas das outras.

Como tudo o que nos crioulos semelha às línguas de substrato ou de superstrato, os crioulistas criaram estas inovações a partir da língua própria e de discursos ouvidos na outra. Parece aconselhável procurar sempre por tais explicações antes de recorrer a conceitos problemáticos como os de 'gramática universal' ou 'tendência universal'.<sup>38</sup>

## Referências:

- Aboh, Enoch; DeGraff, Michel. 2017. "A null theory of creole formation based on universal grammar", em: Roberts, Ian (ed.), *The Oxford Handbook of Universal Grammar*, 401-458. Oxford University Press.
- Brüser et al. 2002. *Dicionário do Crioulo da ilha de Santiago (Cabo Verde), com equivalentes de tradução em alemão e português, elaborado por Martina Brüser e André Maria dos Reis Santos (Cabo Verde), com a contribuição de Ekkehard Dengler e Andreas Blum, sob a direcção de Jürgen Lang*, Tübingen: Narr.
- Camara, Sana. 2006. *Wolof lexicon and grammar*, Madison, Wisconsin: NALRC Press.
- Cardeira, Esperança. 2005. *Entre o português antigo e o português clássico*, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Clements, J. Clancy. 2018, 2019. "Speech communities, language varieties, and typology", *Journal of Pidgin and Creole Languages* 33, 1, 174-191, 33, 2, 411-432, 34, 1, 148-161, 34, 2, 377-390.

---

<sup>38</sup> Um caso particularmente interessante neste contexto é o verbo *endu* ou *indu* que nos crioulos árabes Juba Arabic e Kinubi corresponde ao pg. *ter*, ingl. *have*, fr. *avoir* etc. Nem a sua língua de superstrato, o árabe sudanês, nem as suas principais línguas de substrato africanas, o bari e o zande, possuem um verbo deste tipo. Em Lang (2023: 2.3.5), tentei explicar o seu surto sem recorrer a outra língua de substrato que tivesse um verbo do tipo 'ter'.

- Cohen, Robin; Sheringham, Olivia; traduit par Trogrlic, Elise. 2020. *À la rencontre de la différence: traces diasporiques et espaces de créolisation*.  
Online: books.openedition.org/pulm/4732.
- Coseriu, Eugenio. 1958. *Sincronía, diacronía e historia. El problema del cambio lingüístico*, Montevideo (reimpressão fotomecânica, Tübingen 1969).
- Coseriu, Eugenio. 1967. "Forma y sustancia en los sonidos del lenguaje", em: Eugenio Coseriu, *Teoría del lenguaje y lingüística general. Cinco estudios*, Madrid: Gredos (o artigo data de 1954).
- Diouf, Jean-Léopold. 2001. *Grammaire du wolof contemporain*, Tokyo: University of Foreign Studies. The Institute for the Study of Languages and Cultures (ILCAA).
- Diouf, Jean-Léopold. 2003. *Dictionnaire wolof-français et français-wolof*, Paris: Karthala.
- Diouf, Jean-Léopold; Yaguello, Marina. 1991. *J'apprends le wolof. Damay jàng wolof*, Paris: Karthala.
- Fal, Arame; Santos, Rosine; Doneux, Jean-Léonce. 1990. *Dictionnaire wolof-français, suivi d'un index français-wolof*, Paris: Karthala.
- Faye, Souleymane. 1999. *Grammaire didactique du wolof parlé*, Dakar: Université C.S.D., Centre de Linguistique Appliquée de Dakar.
- Ferguson, Charles A. 1971. "Absence of copula and the notion of simplicity. A study of normal speech, baby talk, foreigner talk and pidgins", em: Hymes Dell (ed.), *Pidginization and creolization of languages. Proceedings of a conference held at the University of the West Indies, Mona, Jamaica April 1968*, Cambridge (England), 141-150.
- Fon Sing, Guillaume. 2017. "Creoles are not typologically distinct from non-creoles", *Language ecology* 1:1 (2017), 44–74.
- Gamble, David P. 1963. "Elementary wolof grammar", em: Manessy, Gabriel; Sauvageot, Serge (eds.), *Wolof et Sérér. Études de phonétique et de grammaire descriptive*, Université de Dakar, Fac. des Lettres et Sciences humaines, Publications de la Section de Langues et Littératures (12), 131-161.
- Gutiérrez Maté, Miguel. 2024. "Indefinite pronouns with THING and PERSON in two Ibero-Romance/Kikongo varieties: Palenquero Creole and Cabinda Portuguese", em: Kellert, Olga; Lauschus, Sebastian; Rosemeyer, Malte (eds.), *Indefinites in Romance and beyond* (Open Romance Linguistics 7). Berlin: Language Science Press, 88-139.  
DOI: 10.5281/zenodo.13644806.
- Holm, John. 1989. *Pidgins and creoles. Vol. 2: Reference survey*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Kouwenberg, Silvia. 2001. "Convergence and explanations in creole genesis", em: Smith, Norval; Veenstra, Tonjes (eds.), *Creolization and contact*, Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 219-247.
- Klein, Wolfgang; Perdue, Clive. 1997. "The Basic Variety, or Couldn't natural languages be much simpler?", *Second Language Research* 13, 4, 301–347.
- Lang, Jürgen. 1981. "Was ist Kreolisierung?", em: Schlieben-Lange, Brigitte (ed.), *Logos semantikos, Studia linguistica in honorem Eugenio Coseriu, vol V*, Berlin-Madrid: de Gruyter-Gredos, 197-209.
- Lang, Jürgen. 1982. *Sprache im Raum. Zu den theoretischen Grundlagen der Mundartforschung*, Tübingen: Niemeyer.
- Lang, Jürgen. 2006. "L'influence des Wolof et du wolof sur la formation du créole santiagoais", em: Lang, Jürgen; Holm, John; Rougé, Jean-Louis; Soares, Maria João (eds.), *Cabo Verde. Origens da sua sociedade e do seu crioulo*, Tübingen: Narr. 53-62.

- Lang, Jürgen. 2009. *Les langues des autres dans la créolisation. Théorie et exemplification par le créole d'empreinte wolof à l'île Santiago du Cap Vert*, Tübingen: Narr.
- Lang, Jürgen. 2023. *Juba Arabic und Kinubi. Historische Entstehung und afrikanisches Erbe von zwei arabischen Kreolsprachen*, Erlangen: FAU University Press.
- Lefebvre, Claire. 2008. "On the principled nature of the respective contributions of substrate and superstrate languages to a creole lexicon", em: Michaelis, Susanne (ed.), 197-223.
- Lefebvre, Claire. (ed.). 2011. *Creoles, their substrates, and language typology*, Amsterdam/Philadelphia: Benjamins.
- Maia, Clarinda de Azevedo. 1986. *História do galego-português. Estado linguístico da Galiza e do noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI*, Coimbra: INIC (reimpressão).
- Mather, Patrick-André. 2005. "Noun phrases in L2 French and Haitian: clues on the origin of plantation creoles", *Journal of Universal Language* 6, September 2005, 53-84.
- Mather, Patrick-André. 2007. "Creole studies", em: Dalila Ayoun (ed.), *French Applied Linguistics*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 400-424.
- Michaelis, Susanne; Haspelmath, Martin. 2003. "Ditransitive constructions: Creole languages in a cross-linguistic perspective", em: *Creolica. Revue du Groupe Européen de Recherches en Langues Créoles*, <http://www.creolica.net/>.
- Michaelis, Susanne. 2008. "Valency patterns in Seychelles creole: Where do they come from?", em: Michaelis, Susanne (ed.), 225-251.
- Michaelis, Susanne (ed.). 2008. *Roots of creole structures. Weighing the contribution of substrates and superstrates*, Amsterdam/Philadelphia: Benjamins.
- Mufwene, Salikoko. 2001. *The ecology of language evolution*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Mühlhäusler, Peter. 1986. *Pidgin and creole linguistics*, Oxford-New York: Blackwell, (= Language in society 11).
- Njie, Codu Mbassy. 1982. *Description syntaxique du wolof de Gambie*, Dakar etc.: Les Nouvelles Éditions Africaines.
- Plag, Ingo. 2008/2009. "Creoles as interlanguages", *Journal of Pidgin and creole Languages* 23, 1, 14-135, 23, 2, 307-338, 24, 1, 119-138, 24, 2, 339-362.
- Quint-Abrial, Nicolas. 1998. *Dicionário caboverdiano - português*, Verbalis.
- Quint, Nicolas. 2000. *Grammaire de la langue cap-verdienne. Étude descriptive et compréhensive du créole afro-portugais des îles du Cap-Vert*, Paris: L'Harmattan.
- Rebuschat, Patrick (ed.) (2005), *Implicit and explicit learning of languages*, Amsterdam/Philadelphia: Benjamins.
- Rougé, Jean-Louis. 2004. *Dictionnaire étymologique des créoles portugais d'Afrique*, Paris: Karthala.
- Samb, Amar. 1983. *Initiation à la grammaire wolof*, Dakar: IFAN.
- Sauvageot, Serge. 1965. *Description synchronique d'un dialecte wolof: le parler du Dyolof*, (thèse principale), Université de Dakar.
- Siegel, Jeff. 1998. "Substrate reinforcement and dialectal differences in Melanesian Pidgin English", *Journal of Sociolinguistics* 2/3, 347-373.
- Siegel, Jeff. 2008. *The emergence of pidgin and creole languages*, Oxford: Oxford University Press.
- Spitzer, Leo (ed.). 1922. *Hugo Schuchardt - Brevier. Ein Vademecum der allgemeinen Sprachwissenschaft. Zusammengestellt und eingeleitet von L.S.*, Halle a.d. Saale.

- Stehl, Thomas. 2005. "Sprachwandel und Sprachgenese. Kontinuität und Bruch in der Sprachgeschichte", em: Stehl, Thomas (ed.), *Unsichtbare Hand und Sprecherwahl. Typologie und Prozesse des Sprachwandels in der Romania*, Narr: Tübingen, 87-110.
- Thomason, Sarah G. 2001. *Language contact. An introduction*, Edinburgh University Press.
- Thomason, Sarah G.; Kaufman, Terrence. 1988. *Language contact, creolization, and genetic linguistics*, University of California Press, First paperback printing 1991.
- Versteegh, Kees. 2018. "Temporal adverbs of contrast in the Basic Variety of Arabic", em: Manfredi, Stefano; Tosco, Mauro (eds.), *Arabic in Contact*, Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 233-250.
- Winford, Donald: *An introduction to contact linguistics*, Oxford: Blackwell, 2003.
- Whitney, William D. 1867. *Language and the study of language. Twelve lectures on the principles of linguistic science*, New York: Charles Scribner & Co.